

## CARACTERIZAÇÃO DOS SEGMENTOS LESTE E OESTE DO TERRENO PERNAMBUCO-ALAGOAS

V. C. Medeiros (CPRM/Recife) cprm@fisepe.pe.gov.br, L. A. A. Angelim ; E. J. Santos

O Terreno Pernambuco-Alagoas (TPA) corresponde ao segmento da Província Borborema localizado entre o Lineamento Pernambuco e os terrenos Canindé-Marancó (TCM), Sergipano (TSE) e Casa Nova/Riacho do Pontal (TPO). A bacia do Tucano-Jatobá encobre a parte centro-oeste do TPA, seccionando-o, geograficamente, em setores leste (TPAE) e oeste (TPAW). Os limites do TPA encontram-se delineados por importantes zonas de cisalhamentos transcorrentes (lineamento Pernambuco) ou contracionais (em alguns locais com componentes transcorrentes). Parte do limite/contacto entre o TPAW e o TCM é mascarado por uma intensa atividade magmática brasileira, a qual deve ter aproveitado os condutos gerados na colisão (brasiliiana), "soldando" o limite entre estes dois terrenos. O TPAW caracteriza-se por apresentar uma tectônica de "nappes" com transporte de massa para WNW (bem demarcada na macroescala.); engloba o fragmento arqueano de Riacho Seco e seqüências supracrustais do evento Carirís Velhos (1,1-0,95Ga). É constituído por uma associação granítica-migmatítica com restos de supracrustais (Complexo Belém do São Francisco) e por termos metavulcanosedimentares na fácie anfibólito (Complexo Cabrobó). Os ortognaisse sintectônicos Carirís Velhos são bastante expressivos, e possuem composição diorítica a sienogranítica, enquanto o magmatismo neoproterozóico/brasiliano está restrito a atividade granítica nas proximidades do lineamento Pernambuco. No TPAE são encontradas regiões com predominância de paragnaisse (por vezes migmatizados), migmatitos com protólitos paraderivados, quartzitos e raras lentes de mármore, outras com certa abundância de anfibólitos, e uma terceira com meta-arcoseos e quartzitos, devendo corresponder, respectivamente, a seqüências de metagrauvacas, vulcanosedimentares e continentais, correlacionáveis ao Complexo Cabrobó do TPAW. O Complexo

Belém do São Francisco, no TPAE, é representado por ortognaisse migmatíticos e migmatitos (com relíquias de supracrustais), apresentando mesossomas tonalíticos a quartzo dioríticos. Ortognaisse metaluminosos e leuco-ortognaisse peraluminosos (finos a grossos), por vezes migmatizados, além de "augen" gnaisses metaluminosos, são abundantes no TPAE, tendo sido obtido por Van Schmus e colaboradores uma datação U/Pb de 1,5Ga para os gnaisses migmatíticos (oeste de Palmeira dos Índios - AL) e um valor de  $T_{DM}$  de 1,37Ga, para os "augen" gnaisses (oeste de Santana do Ipanema - AL), este último compatível com os dos metagranítoides Carirís Velhos referidos no TPAW. Tais valores são condizentes com o posicionamento pré-cedo e sin-tectônico destes metagranítoides, com relação ao evento Carirís Velhos. Encerrando a evolução proterozóica do TPA, observa-se um vasto magmatismo brasileiro, principalmente no TPAE, onde ocorrem suítes peraluminosas (biotita leucogranítoides com muscovita, granada, cordierita ou turmalina, tipo Ouro Branco/Tará), metaluminosas K-calcioalcalinas (biotita e/ou anfibólito granítoides, por vezes com enclaves dioríticos, tipo Venturosa/Santana do Ipanema) a ultrapotássicas/shoshoníticas (anfibólito e/ou biotita sienítoides, por vezes com piroxênio, tipo Serra do Catu/Cachoeirinha). A correlação dos complexos do TPAE com aqueles aflorantes no TPAW (complexos Cabrobó e Belém do São Francisco), bem como referências a ortognaisse com posicionamento mesoproterozóico, levam a caracterização do TPA como uma grande entidade mesoproterozóica a meso/neoproterozóica, com alguns núcleos arqueanos (Riacho Seco), a qual foi retrabalhada tectonicamente durante o neoproterozóico, quando decorreu uma importante atividade magmática.

Atividade = 304058



## CINTURÃO RIBEIRA: TECTÔNICA E QUESTÕES PENDENTES SOBRE SUA EVOLUÇÃO

Ginaldo Ademar da Cruz Campanha (Instituto de Geociências da USP) ginaldo@usp.br; Georg Robert Sadowski

O Cinturão Ribeira como definido originalmente correspondia a uma faixa de dobramentos neoproterozóica (brasiliiana) ao longo da costa do sudeste e meridional de Brasil e Uruguai. A tendência hoje é restringir o nome Cinturão Ribeira para a região tipo original (Grupo Açuungui), correspondente ao que foi também denominado Sistema de Dobramentos, Domínio ou Microplaaca Apiaí, e sua extensão para o Leste de São Paulo e o Rio de Janeiro.

Gradualmente os dados geocronológicos começam a indicar a ausência de sedimentação em larga escala de idade neoproterozóica no Domínio de Apiaí (Supergrupo Açuungui). A sedimentação e o vulcanismo parecem remontar ao Paleo e Meso Proterozóicos. O Ciclo Brasiliiano clássico no Domínio de Apiaí expressa-se então por um metamorfismo do tipo Barrowiano e extenso magmatismo granítóide calcio-alcalino. Interpreta-se aqui que durante o Neoproterozóico a região comportou-se com um arco magnético continental do tipo cordilheirano, com relação a uma provável zona de subducção de SE para NW, situada mais a Leste. A evolução continuou no final do Neoproterozóico e início do Paleozóico com magmatismo granítóide pós-tectônico seguido por intenso cisalhamento transcorrente desstral e sedimentação continental com vulcanismo ácido a intermediário vulcanismo em bacias de afastamento (pull-apart).

O aspectos considerados essenciais para formular um modelo de evolução tectônica são: a) a presença de dois blocos cratônicos consolidados antes de 1.8 Ga, representados pelo Cráton do Paraná a noroeste e pelo Cráton Luís Alves a sudeste; b) uma assembléia de margens continentais dispostas mais ou menos

simetricamente, representadas pelo Grupo Itaiacoca a noroeste e pela Formação Capiru para sudeste; c) um domínio central com uma plataforma carbonática com evidências de águas gradualmente mais profundas para o leste (Grupo Votuverava, Subgrupo Lajeado) e um presença de evidências de magmatismo básico de fundo oceânico e/ou arco de ilhas imaturo, associado a turbiditos distais (Grupo Votuverava, Subgrupo Ribeira). Dois modelos de evolução de bacia podem ser considerados: i) rifteamento e abertura de um oceano, formação de arco de ilhas, e colisão de um bloco continental contra o arco de ilhas durante o período Paleo - Mesoproterozóico; ii) abertura e fechamento de uma bacia marginal de retro-arco durante o mesmo intervalo de tempo.

As interpretações mais recentes sugerem que região inteira seja uma assembléia de entidades tectônicas (terrenos) distintas, provavelmente acrescidas durante o Neoproterozóico, relacionada ao sistema transcorrente desstral e à colisão oblíqua entre os crâtons do São Francisco, Congo Paraná. Porém a inexistência de dados paleomagnéticos e a má resolução dos dados geocronológicos dificultam a comprovação desta hipótese.

Diversas questões hoje ainda permanecem abertas: 1) idade das supracrustais; 2) existência ou não de restos de fundo oceânico; 3) papel do sistema transcorrente tardi-brasiliiano versus tectônica tangencial; 4) identificação e delimitação dos possíveis terrenos suspeitos; 5) correlação entre o Supergrupo Açuungui e os grupos São Roque / Serra de Itaberaba; 6) significado neste contexto dos complexos Embu e Turvo - Cajati.